



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
LISBOA - 2

O SANTUÁRIO DE FÁTIMA PREPARA-SE PARA RECEBER A "ROSA DE OURO"

CABE este ano ao Santuário de Fátima a recepção da «Rosa de Ouro», oferta papal da mais alta distinção. Não são muitos os templos que têm recebido tal honra: S. Pedro de Roma, S. João de Latrão, o Loreto, Santo António dos Portugueses, na cidade das Sete Colinas.

(Continua na 2.ª página)

ALBUFEIRA COMEMOROU O «DIA DO TURISTA»

A Câmara Municipal de Albufeira em colaboração com a sua Comissão Municipal de Turismo, comemorou condignamente o «Dia do Turista», tendo feito atrair àquela formosa praia algarvia centenas de estrangeiros e convidados, no passado dia 20 do corrente. A simpática vila de Albufeira, atraente e hospitaleira, a cujos destinos preside um dos seus mais dilectos filhos, o sr.

Henrique Gomes Vieira, viveu horas de extraordinário euforismo na recepção prestada aos turistas estrangeiros, que se realizou na sua excelente Colónia de Férias da F.N.A.T. Foi ao entardecer desse maravilhoso dia de Abril, resplandescente de seiva e luz do céu, tendo por fundo o cenário maravilhoso desse mar azul que acaricia os caprichosos rochedos da encantadora praia al-

PROTEGENDO OS TRABALHADORES

QUANDO volvemos os olhos pela acção política que o Estado Corporativo tem levado a efeito nos últimos trinta anos, não podemos deixar de notar que o trabalhador Português deixou de ser um desprotegido, abandonado à caridade pública e privada para ter um lugar na sociedade e um amparo no desemprego, na invalidez e na velhice.

É certo que sempre o Estado português se preocupou com a protecção ao trabalhador, principalmente no campo dos acidentes de trabalho, datando de 1913 o primeiro diploma legal sobre o assunto. No entanto só com o advento da Revolução Nacional o problema passou a ser encarado com interesse e, é disso prova evidente, o título VIII da Constituição Política que trata da ordem económica e social, e dá ao trabalho o lugar que efectivamente lhe pertence na vida da Nação.

Secretário de Estado da Aeronáutica

Com sua esposa e família passou a quadra festiva da Páscoa no Algarve, o nosso prezado conterrâneo sr. General Francisco António das Chagas, ilustre Secretário de Estado da Aeronáutica.

Mais tarde, no art.º 49.º do Estatuto do Trabalho Nacional estabelece-se que «do princípio da protecção às vítimas de natureza profissional, deriva, por via de regra, responsabilidade para as entidades patronais».

Três anos decorridos, a Lei n.º 1942 de 27 de Julho de 1936, votada pela Assembleia Nacional, conforme proposta do Governo volta a encarar o problema dos acidentes de trabalho.

A campanha de Prevenção contra os Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais lançada em moldes que podem considerar-se, não só dos mais modernos, como dos mais práticos e eficientes, revelou-se um instrumento poderoso na defesa da vida e da saúde dos trabalhadores.

No entanto, toda essa legislação era já considerada insuficiente para o desenvolvimento industrial porque o País está passando, e consciente disso o sr. Prof. Dr. Gonçalves de Proença, titular da pasta das Corporações e Previdência Social, entregou à Câmara Corporativa, para apreciação e parecer o novo Regime sobre Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais que vem revogar a Lei n.º 1942 e trazer novas e importantes renovações neste sector.

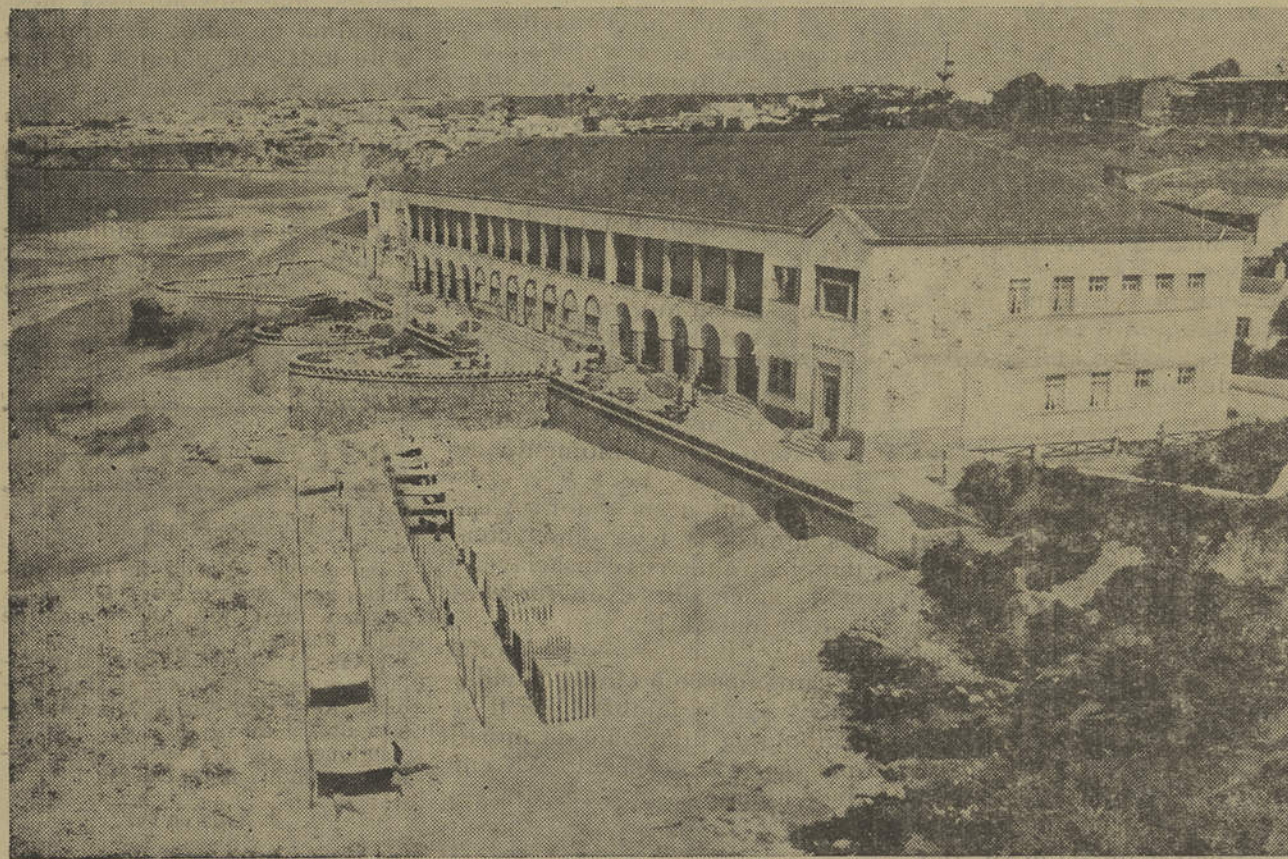
Mas não só os acidentes de trabalho e doenças profissionais têm merecido especiais atenções das entidades corporativas. Também o seguro-doença: a assistência médica e medicamentosa, tanto para os sócios beneficiários como os seus familiares; o subsídio de invalidez, a reforma, etc, são uma realidade graças à Previdência social que compreende já hoje uma rede vasta de organismos que prestam assistência a cerca de um milhão e meio de portugueses.

O Estado está, neste sector, como aliás em muitos outros, realizando, através do Ministério das Corporações e Previdência Social, uma obra digna de louvor a favor de quantos trabalham.

Bem haja, pois, por isso.

GAZETILHA

Foi transcrita no último número do nosso prezado colega «Aurora do Ribatejo», que se publica em Benabente, a gazetilha «Mas que Sari-lhos», da autoria do nosso colaborador «Zé da Rua». Os nossos agradecimentos.



Colónia de Férias Dr. Pedro Teotónio Pereira em Albufeira, onde se realizou a recepção aos turistas

ELMANO SADINO

BEM podia este ano, do segundo centenário do seu nascimento ser o primeiro numa época de justiça para com aquele de quem disse o autorizado Prof. Mendes dos Remedios: «Pelo alto sentimento que traduz nos seus versos, pela onda revolta de protestos contra a decadência moral e política do seu tempo, tomando ora a forma do ridículo, da sátira, do doesto, ora a invectiva desassombrada e eloquente, Bocage brilha na galeria dos nossos poetas, como estrela de primeira grandeza».

OS "SHADOWS" EM ALBUFEIRA

Não há quem não conheça os celeberrimos «Beatles», mas, a pouco e pouco, outros agrupamentos vão ganhando fama, entre os quais os «Shadows». São cinco vedetas de ritmos modernos, também estonteantes como os dos «Beatles». Os quatro cantos do mundo conhecem já os seus discos. O cinema, em meia dúzia de filmes, colaborou largamente na divulgação das suas figuras. Pois os cinco rapazes descobriram agora o Algarve. Albufeira é para eles o local ideal para gozo de férias. Não vieram todos ao mesmo tempo. Apenas quatro. Para completar o conjunto faltava Hank Marvin, que, procedente de Liverpool, acaba de chegar a Lisboa, no paquete «Aragón», acompanhado da mulher e de um filho de quatro anos.

Infelizmente em tudo — excepto no talento — foi infeliz. Apenas lhe ficou para a posteridade a feição jogralesca onde os seus improvisos ganharam fama, e fizeram dele um reles desbocado, ignorando os que o estereotiparam sob tão desonrosa faceta, que o nomeado vate

(Continua na 2.ª página)

CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Silves, o sr. Salvador Gomes Vilarinho, na vaga aberta pelo pedido de demissão voluntário do sr. Dr. João Bernardino Menêres Pimentel, que desempenhou durante alguns anos com muito apreço, as suas funções, tendo sido por tal motivo publicamente louvado. O novo presidente do município silvese já exerceu durante alguns anos idênticas funções.

garvia, que Albufeira recebeu com elegância senhoril os estrangeiros e visitantes.

Num ambiente carinhoso e festivo é o Presidente do seu Município que presta as honras da casa, com um sorriso atraente — um verdadeiro «gentleman» a receber outros «gen-

(Continua na 2.ª página)

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

CRIME POR AMOR I

A eterna notícia de que o amor se liga ao sangue, foi mais uma vez escrita nos últimos jornais diários quando nos davam a conhecer outro crime cometido por ciúmes. Uma jovem de 21 anos — inteiramente alheia ao motivo que deu origem à tragédia e que dentro de dias iria casar — repousa agora numa lage fria da morgue do Porto, sacrificada pelo amor descontrolado de uma esposa desvairada pelo ódio!

O amor vem sendo, desde o princípio da humanidade, um dos maiores clientes da morte. Podemos considerá-lo algumas vezes, um verdadeiro Deus se bem que quase sempre ela seja um monstro que continua a fazer as suas vítimas.

Sobre os seus prazeres cria-se a vida... mas abre-se o túmulo muitas vezes. No amor, ao contrário do que muitos pensam, ao mesmo tempo que tudo parece ser um eterno can-

(Continua na 2.ª página)

ELMANO SADINO*(Continuação da 1.ª página)*

pertenceu à Nova Arcádia, ou Academia de Belas Letras de Lisboa, fundada pelo Conde de Pombeiro, de que faziam parte nomes insignes como França e Amaral, Lima Leitão, Pató Moniz e Curvo Semedo.

Vinham de longe estas academias literárias. As primeiras diz-se que datam do sec. XIII. Mais tarde foi fundada uma em Florença, sob Cosme de Médices, a Academia Platónica, que reuniu os nomes literários que a cidade mais prezava. Houves depois em Espanha, França, Alemanha e Rússia.

Tinham nomes muito extravagantes. Em Portugal, a dos «Ocultos» ou «Anónimos», a «Academia Instantânea», do Porto; a dos «Insígnios», dos «Ilustrados», dos «Esquecidos», dos «Singulares», dos «Obsequiosos», dos «Generosos»...

Em Florença, a «Crusca»; em Siena houve a dos «Declarados»; em Veneza, a dos «Unidos»; em Pádua, a dos «Inflamados»; em Pavia, a dos «Confiados»; em Ferrara, a dos «Elevados» e por toda a parte o gosto da época assim fazia baptizar estas agremiações, florescentes quando algum mecenas ou os poderes públicos as subsidiavam, e decadentes, quase sempre, como sucedeu à Nova Arcádia, onde Bocage não colheu mor título de ventura que o dos despiques com a antipático e mesquinho José Agostinho de Macedo (Elmiro), a quem Deus perdou.

As solenes agremiações tinham, como inda hoje têm, futilidades que condiziam com o seu título estrambótico.

Ornavam os «arcades» ou académicos, delicadezas de cavaleiro andante das Letras e Ciências.

Na Arcádia, o edificio onde se reuniam, fosse ele qual fosse (andou por vários), era o «Monte Ménalo». Tinham ao peito ou não sei se na mão, na altura das reuniões, um lírio branco, em honra da Virgem, pois juravam defender o privilégio da Imaculada Conceição, usavam um pseudónimo de feição pastoril e outras puerilidades do mesmo género. Mas no fundo ficaram com uma «ordem das Letras, Ciências e Artes», que muito contribuiu para o cultivo das mesmas em épocas da maior decadência social e foram, por assim dizer, os grémios literários a defender direitos de autor.

Assim, neste bem ou mal aventureado ano de 1965 podiam realizar-se especiais cerimónias em atenção ao segundo centenário do nascimento do desconhecido ou, pior ainda do muito caluniado setubalense Manuel Maria Barbosa de Bocage, conforme se assinava. Mais comumente o nomeiam *du Bocage*, por pertencer à ilustre família do mesmo nome, coisa em que, declarou, muito se honrava, quando da versão das poesias da célebre M.^{me} du Bocage.

Para avaliar do valor ou mediocridade de qualquer personagem histórica, nada tão indispensável como lançar os olhos sobre o seu tempo, avaliar o conceito moral da sociedade que lhe foi coeva e o papel que nela desempenhou.

Bocage, como um espelho, reflecte a época em que viveu, o dissolver das imagens do sec. XVIII, abalado pelo cataclismo de ideias muito nobres mas a que os povos de então não estavam aclimatados.

Fumegavam aqui e além restos do grande braseiro que se chamou Revolução Francesa, por terem sido os homens deste país que trouxeram à publicidade, e devidamente compiladas, as conclusões do arengar subtil ou veemente de talentos de épocas anteriores.

A Revolução boliu conceitos que os nobres não mastigaram,

a burguesia mal enguliu, como maçã de Adão, e o povo devolveu à rua, em sangrenta chafurda Tudo nela foi vil, excepto o primado das Letras e das Ciências que encontrou o fogo onde aqueceu os espíritos ávidos de renovação.

Filho de boas pessoas, Manuel Maria foi para a Índia, como guarda-marinha.

Diz Rocha Martins que, depois de lá chegar, soube que a sua prometida ia ou tinha já casado com o irmão mais velho.

Era caso para arder Tróia e, no seu auto-retrato, Bocage reconhece-se muito penoso à ira. Então, como os cavalos de boa raça, árdegos, espinoteou e, de freio nos dentes, largou à rédea solta pela via da desercção.

Sobre as pègadas do autor de «Os Lusíadas», impressas nos aluviões do Oriente Português, andaram seus passos, colhendo o fruto amargo de muita angústia e miséria.

Anos de luta foram precisos para cicatrizar a ferida. Depois, voltou. Trazia experiência mas não a ponderação e espírito prático, por isso, perdulariamente esbanjou talento às mãos cheias, em obra desigual, como desigual foi o seu viver cheio de espinhos: Hoje era um auto em honra dos anos da augustíssima Rainha (doida) que se representava no teatro da R. dos Condes com a mais nobre assistência, amanhã uma trunhesca composição do gosto mais plebeu encomendada num botequim do Bairro Alto e paga com uma ceia pantagruélica, verdadeiro maná para o seu estômago de homem que vive sem vintém.

Agora a delicadeza dum ode à Virgem Nossa Senhora da Encarnação, daí a bocado a «Pavorosa Ilusão da Eternidade» que lhe valeu a santa Inquisição jogar-lhe o galfarro e prendê-lo, havendo-se, em todo o caso, com a maior brandura. Depois os mimosos sonetos e outras composições dum absoluta delicadeza, às Análias, às Lílias, às «mil deidades» de quem se confessa «devoto incensador», as traduções de Anacreonte, Ovídio, Luciano, poemas para récitas de gala em S. Carlos, no teatro da R. dos Condes ou no do Salitre (tão recheados empadões com picados de Febos, Tálias e uma imensidade de temperos olímpicos que é de admirar que os espectadores não tenham adormecido todos) em honra do príncipe ou de grandes damas, livros dedicados à Condessa de Oeynhausén, depois Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, que foi casada com um sobrinho do Conde de Lippe e também poetisa distinta, sob o criptónimo de Alcippe, mais velha quinze anos que Elmano.

Não era um vil jogral de alfurja que se atrevia a pôr no frontispício do seu livro uma dedicatória a esta senhora, nem Bocage, editava uma obra tendo, a não ser verdade, a coragem de afirmar que o fazia pelo acolhimento propício que o público letrado lhe dispensava.

Aos quarenta anos, quando o mais e melhor se esperava do seu ingenho e talento é ainda Rocha Martins quem no-lo apresenta, doente, precocemente envelhecido, com uma irmã a seu cargo, esperando, resignado, sem forças, no pobre canapé de palhinha da sua casa, onde a miséria já não se esconde, a bondade dos amigos e a misericórdia de Deus.

VENDE-SE

Grande armazém na Rua José Pires Padinha e Rua Dr. Parreira.

Informa-se na mercearia de António Ferro.

Rosa de Ouro*(Continuação da 1.ª página)*

O Padroado de Goa, as cidades de Veneza, Florença e Siena também tiveram honra tão insigne.

Além de templos e cidades, muitos imperadores, reis e rainhas têm sido igualmente distinguidos pelo Santo Padre. Na parte que nos diz respeito, D. Afonso V, D. Manuel, o pai de D. Sebastião, filho de D. João III, D. Maria II e D. Amélia de Orléans, talvez mais alguns monarcas, se não estamos em erro, todos eles foram premiados por excepcional regalia concedida à sua pessoa ou feitos extraordinários.

A Rosa de Ouro, como o nome indica, é uma rosa com sua haste, saído dum yaso todo feito de ouro e com pedrarias cravejadas.

Foi benzida, ungida e incensada pelo próprio Pontífice no meio da quaresma, o domingo cujo *introito* começava pela palavra «gaudere» — alegrai-vos! dia em que os paramentos roxos, em séculos passados, eram substituídos pelos cor-de-rosa-murcha, como então permitiam as rubricas litúrgicas, que a consideravam a alvorada da Páscoa. Chamava-se a este, em Rome, o Domingo da Rosa e substitua certa festa de origem pagã, havendo ainda, para consolar os antigos Romanos do seu amor pelas flores, e especialmente as rosas, uma linda festa com procissão solene que percorria as ruas da Cidade Eterna.

Nesta festa, meio cristã, meio profana, celebravam-se as excelências da *Rosa Mística*, termo que a Igreja consagra à virgem Maria; a Rosa de Ouro é um dos símbolos que a mais antiga mística cristã atribue ao próprio Cristo.

Haverá, pois este ano, no dia 13 de Maio, em Fátima, solenidades especiais a que não deixarão de concorrer muitos milhares de devotos.

Dia do Turista*(Continuação da 1.ª página)*

tlémans», e que num gesto de simpatia oferece na secular faiança portuguesa os mais deliciosos acepipes regionais. Simultaneamente, distribuem-se flores e lembranças deste Algarve atraente e bem-fadado pela natureza.

Mas não se queda nesse opi-paró banquete regional a elegância da recepção porque os estrangeiros tinham que saborear também os nossos cantares e danças, nem se compreendia uma festa algarvia sem o «corridinho», a mais destacada nota do seu folclore regional e foi seu digno porta-voz, o belo Rancho Folclórico do Calvário, de Lagoa, que mais uma vez vimos exhibir com verdadeiro cunho artístico, arrancando os mais fortes aplausos da selecta assistência.

Por isso felicitamos mais uma vez o seu protector, o sr. Dr. Luís António dos Santos, digno presidente da Câmara de Lagoa.

Mas a festa não terminara ainda, dança-se animadamente ao som dos harmónios estrangeiros e portugueses, comungam naquele gesto de fraternal carinho da gente algarvia. E como que numa apoteose de luz e cor, do terraço do belo edificio voltado para o mar, assistiu-se à queima de vistoso fogo de artifício.

E foi assim, num ambiente emocionante que terminou já hora alta, o «Dia do Turista», integrado no programa «Abril em Portugal» promovido pela Câmara e Junta de Turismo de Albufeira.

**Crónica de Lisboa***(Continuação da 1.ª página)*

to de Primavera, esconde-se, muitas vezes, num berço ou em alguns palmos de terra para uma mortalha.

Amor! As vezes és um arauto de felicidades mas outras, não sabes esconder o clamor das maldições! Na juventude o amor é sempre considerado como um hino de alegria. Ele passa por nós eternamente folgazão, na imagem simbólica de um Cupido louro, rosado, fresco, atrevido! Na sua nudez irreverente vai fazendo sibilar as suas setas, abrindo feridas mortais nos corações desprevenidos. E, ao mesmo tempo, vai também brincando às mortes, afogando beijos e soluços, lágrimas e vagidos nas suas mãos cruéis.

No seu riso de criança, mesmo semeando por vezes o ódio, havia também prazer, inocência, alegria! Mas o amor, na era perturbada em que vivemos, parece ter envelhecido, corrompendo-se. Os homens habituaram-no ao vício e à tristeza. Os seus lábios de criança perderam o aroma e a pureza do sonho. Em vez do riso sonoro da infância — quando Cupido era ainda casto e belo — surgiu o rito amargo da curiosidade e do mal.

Tudo hoje nos diz que os homens ensinaram ao amor a perversidade; vestiram-no de luxúria; disfarçaram-no em dúvidas e receios, em preconceitos e melancolias.

Fizeram do amor — o diabrete alegre e estouvado de outros tempos — um velho hipócrita, sombrio e decrépito.

Pobre humanidade! No dia em que o amor deixou de ser alegre, a vida ficou mais triste, rude e maldosa.

Hoje jaz na morgue do Porto uma vida roubada aos prazeres da felicidade com que sonhava alegremente. Na prisão uma mulher e um homem aguardam o castigo de um momento de loucura.

O que tu fizeste, amor! A estas horas, os teus olhos contemplam, sinistros e insaciáveis, essa mocidade exuberante — que tu mataste!

Amor! Fomos nós que tanto cantámos como fonte da vida, que fizemos também de ti o símbolo da infância e da morte que tu és neste século XX em que vivemos!

CONTRASTES!

Porque razão o mundo é tão imperfeito? Nada que lhe pertence é isento dum senão.

Deus ao criar as rosas deu-lhes beleza, perfume... mas deu-lhes também espinhos!...

Os graves desastres que há pouco enlutaram o Algarve e o Minho fazem-nos lembrar que Deus ao criar o mar — uma das suas obras mais arrebatadoras — deu-lhe o condão de reflectir o azul do céu, o oiro do sol e o brilho do luar. Encheu as suas ondas de rendas de espuma e semeou no fundo das suas águas belezas sem par... mas também o condenou às tempestades trágicas e cruéis que arrastam consigo a morte e a miséria!

Daí vir-nos à lembrança o poema «A Nau Catrineta», que dizia — referindo-se aos pescadores:

«A minha alma é só de Deus; O corpo dou eu ao mar!»

... Adorando o mar desde

garoto, quando há dias lemos na *Imprensa* diária a última tragédia de Monte Gordo e Viana do Castelo, em que perderam a vida alguns generosos pescadores deixando as famílias na maior miséria, a nossa atenção fixou-se uma vez mais, no viver sacrificado da gente do mar, debatendo-se dia a dia, hora a hora, entre a morte e a pobreza!

Por isso nos debruçamos sempre com enternecimento e tentando conhecer todo o negrume dessas pobres vidas, para nelas no integrarmos, para as vermos de perto com os nossos próprios olhos e sempre que possível pedir por eles, senão aos homens, pelo menos a Deus.

Também as tragédias da Grécia e do Chile, há pouco ocorridas, nos dizem que Deus cobriu o céu de lindas estrelas que muitas vezes nos povoam o pensamento de sonhos e a alma de poesia, estrelas que são o dossel do leito dos mendigos e vagabundos sem eira nem beira... mas também deu a esse céu as nuvens tristes que trazem consigo cataclismos imensos e incontroláveis num turbilhão de sofrimento e morte!

Recordando a onda de desvaivamento que descontrola os homens nas cinco partidas do mundo, reparamos que Deus nos dotou com alma para vibrar ao contacto do amor e da beleza, mas povoou essa mesma alma de ódio, de egoísmo e de todos os defeitos da mísera espécie humana!

Criou, è certo, as aves e as flores que embelezam a vida, mas também as feras e os tojos que a enchem de amargura.

Porque será que tudo neste mundo não é isento dum senão?... Porque será que nele há tanta coisa imperfeita?...

Trigo com joio que não conseguimos poeirar!

NECROLOGIA**D. Eulália Augusto Reis**

Faleceu no passado dia 14 do corrente, nesta cidade, a sr.^a D. Eulália Augusto Reis, viúva, de 76 anos de idade, natural de Tavira.

A falecida era irmã do nosso prezado ímigo e conterrâneo sr. José Augusto Reis, escrivão de Direito aposentado.

O funeral da bondosa senhora realizou-se no dia 15 do corrente.

D. Maria da Paz

No passado dia 15 do corrente, faleceu na sua residência na aldeia de Santa Catarina, a sr.^a D. Maria da Paz, viúva, de 76 anos de idade.

A falecida era mãe das sr.^{as} D. Maria Henrique Patarata, D. Maria da Saúde Albino e D. Rosa da Conceição Henrique Corvo, sogra dos srs. Joaquim Patarata, proprietário, José Albino, aspirante de Finanças e Luciano Viegas Corvo e avó dos ciclistas Jorge Henrique Viegas Corvo e Humberto João Viegas Corvo e das sr.^{as} D. Maria da Fé Henrique Patarata Pereira Martins, esposa do sr. Dr. David Pereira Martins, D. Maria João Henrique Correia Martins, esposa do sr. António Correia Martins, proprietário, D. Benilde Henrique Viegas Corvo Martins, esposa do sr. Nicolau Martins, empregado da Cooperativa dos Olivicultores de Santa Catarina e de Mlle. Maria da Fé Henrique Lagoas Albino, estudante.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Vendem-se

Dois barcos com tudo completo, arte, calão, bote, duas redes novas e 80 cabos. Tudo em estado novo.

Quem pretender dirija-se a Pedro Vieira, Santa Luzia - Tavira

HOTEL VASCO DA GAMA**MONTE GORDO**
ABERTO TODO O ANO**1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS****RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA**

Telef. 321 - 322 - 323

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

LAGOS *Retratada...*

Legos progride lentamente

Foi com satisfação que aceitamos, em nome do «Povo Algarvio», o delicado convite para assistir, na passada dia 15 do corrente, à inauguração do novo Restaurante-Bar, na Rua 1.ª de Maio.

Fomos. A esta inauguração assistiu o sr. Presidente da Câmara de Lagos, sr. Brigadeiro José António de Almeida Costa Franco e alguns veriadores, srs. Dr. António Freitas, José dos Reis Bravo e Duval pestana.

Esta nova e bellissima unidade hoteleira pertence à firma Duarte Dias & Dias, Lda., ou seja aos srs. José Florenço Duarte, José Pecheco Dias e Mário Dias.

E o novo estabelecimento composto de uma sala bem delimitada, tendo estabelecido um serviço de alimentação regional e garantindo aos turistas ingleses um regime de refeições de de carnes frias. Também ali encontram os turistas quartos próprios, etc.

No final, foi oferecido um lanche aos convidados tendo o sr. Presidente da Câmara brindado pela prosperidade da nova firma, no que foi emitido por toda a assistência.

Legos Precisa...

Sim! Lagos precisa de sacudir do seu círculo, todos os falsos amigos, aqueles que sempre travaram os movimentos do seu progress, aqueles que se movimentam, única e simplesmente, em seu próprio proveito!

É preciso saber distinguir esta maldita praga e paralisar a sua maligna acção.

«Ninguém melhor do que os portugueses ama Portugal!»

Eis o resumo de um pensamento de Salazar! E eu, procurando movimentar esse sublime pensamento, também direi:

Ninguém, além do Governo da Nação, saberá defender melhor o progresso de Lagos, do que os bons labriegenses!

Jornada de Divulgação Musical

No passado dia 14 do corrente, no salão de música do Teatro Cinema Império, realizou-se o anunciado concerto musical, pelos pequenos artistas do Centro de Cultura Infantil da «Fundação Musical dos Amigos das Crianças», de Lisboa.

Este concerto juvenil, foi orientado superiormente pela professora sr. D. Adriana de Vecchi e Costa e recebeu o alto patrocínio da «Fundação Calouste Gulbenkian» e foi dedicado à cidade Lagos, com a colaboração da Comissão de Turismo e da «Pró-Arte» de Lagos.

Ao aproximar-se a hora do espectáculo, a seleta assistência surgiu de momento a tomar os seus lugares. A sala foi pequena para comportar os convidados. E foi pena, porque muitas pessoas ficaram de pé, fora do salão.

Nos lugares de honra viam-se os srs. Brigadeiro José António de Almeida Costa Franco, Presidente da Câmara de Lagos, Joaquim Nunes Saletti, Administrador do Concelho, e Joaquim de Lima Cascadas, Presidente do Centro de Assistência Social de Nossa Senhora do Carmo.

Na sala, entre outras entidades, viam-se os srs. Comandante da G.F. e Duarte Fragoso, Presidente da Câmara de Vila do Bispo, que se fazia acompanhar de sua esposa.

O grupo dos jovens artistas foi apresentado pelo sr. Dr. João Centeno, distinto advogado algarvio e fundador da «Pró-Arte» de Lagos, dedi-

cando-lhes palavras de grande apreço e estímulo, afirmando que, muito embora aquele grupo musical fosse constituído por crianças, os seus componentes eram já uns verdadeiros e grandes artistas na música.

Dedicou também palavras de admiração aos seus fundadores, professora sr.ª D. Adriana Devicchi e Costa e seu esposo, o apreciado artista de violoncelo, sr. Fernando Costa.

Fechou a sua culta alocução com a apresentação do Grupo Infantil Folclórico de Nossa Senhora do Carmo, dizendo que as crianças que formam o Grupo, vinham admirar os seus visitantes mas desejavam também proporcionar-lhes o prazer dos seus humildes trabalhos folclóricos.

O programa foi executado pelos pequenos artistas, em duas partes.

Manuel Geraldo

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria João Soares Mil Homens Diniz, D. Maria Ferreira Trindade, D. Célia Monteiro Sesinando Baptista Alves, D. Maria Marques, menino Nuno José Canselra Bemposta e os srs. Abel Augusto Pires, Comandante Manuel da Rocha Santos Prado e Adriano José Ernesto.

Em 26 — D. Albina Matos Conceição, D. Carmem Gomes Peres e a menina Natércia Maria Barreiros Quaresma.

Em 27 — D. Lisdália Marcolino da Cruz, menina Maria Luísa Reis Teixeira Lopes e os srs. Francisco Antonio Ramos e Virgílio dos Santos Germano.

Em 28 — D. Maria Amélia da Silva Martins, D. Maria José Santos de Oliveira, D. Vitalina das Dolores Forra de Jesus e a menina Margarida Maria Pinto e Oliveira.

Em 29 — Sr. José Liberto Guerreiro Martins

Em 30 — D. Maria Adelaide da Cruz, D. Maria Catarina do Rosário Firmino Rocha Diniz, menina Maria da Fé Henriques Lagous Albino e os srs. Sebastião dos Santos e Joaquim Patarata

Em 1 — D. Maria do Carmo Teixeira Telo, D. Maria da Assunção Gaspar, D. Maria da C. do Carmo Guerreiro, D. Carminda Seco Baptista Palma, menina Marília Carlota Correia Baptista e o sr. José da Silva Domingues e a menina Rui Manuel Horta Gonçalves.

Partidas e Chegadas

Com sua família esteve nesta cidade passando as férias da Páscoa, o nosso prezado amigo sr. Dr. Freitas e Silva, professor do ensino secundário, residente no Estoril.

Com sua esposa esteve nesta cidade no gozo de férias o nosso amigo e assinante sr. Alberto Pereira da Palma, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos em Setúbal. Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Domingos José Soares, industrial, residente em Vigo.

Regressou de Paris, onde foi em viagem turística, o nosso prezado amigo sr. professor José Joaquim Gonçalves, presidente da Comissão Municipal de Turismo.

AS FESTAS DO NATAL, ANO BOM E REIS NO ALGARVE

SUBSÍDIOS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE (9)

por J. Fernandes Mascarenhas

Vinha a festa da Epifânia ou dos Reis e a função repetia-se com o mesmo entusiasmo.

Deve entretanto dizer-se que esta festa figurou junto à da Natividade até meados do século IV, pois «foi só a partir do ano 354 que o Natal se fixou em 25 de Dezembro e o dia de Reis a 6 de Janeiro» (*Origens da Natividade na arte*, pelo Prof. Reynaldo dos Santos — Artes e Letras, «Diário de Notícias», de 25-12-1957).

Nalgumas terras, iam à espera dos Reis Magos em luzido cortejo, como em Olhão e Vila Real de Santo António. Noutras, sobretudo na beira-serra, continuavam as charolas, na véspera e no dia de Reis com versos adequados à solenidade do dia.

Aí vão alguns deles:

Muita gente deu notícia
Lá na banda do nascente,
Viram nascer uma estrela
Brilhante e luzedente.

Mandou Deus do céu à terra
Uma estrela luzedente
Para acompanhar os Magos
Que vêm do Oriente.

Veio o anjo embaixador
Com uma estrela na mão,
Chegaram às portas de Herodes
Ficaram na escuridão.

O boiinho era bento,
Tapava com a armadura;
E a mula maliciosa
Destapava com a ferradura.

(Ditados pelo sr. Francisco Estevão Costa em 1953)

A 4.ª quadra referente aos Reis é cantada no próprio Algarve com outras variantes, tais como as seguintes:

Além vêm três cavalheiros
Que fazem sombra no mar,
São os três reis do Oriente
Que o bom Jesus vêm adorar.

Quem são os três cavaleiros
Que fazem sombra no mar?
São os três reis do Oriente
Gaspar, Belchior e Baltazar!

A tradição refere que um desses sábios do Oriente que se julga que eram reis da Arábia ou da Pérsia, chama-se Melchior. Claro que o Belchior é, portanto, uma corruptela de Melchior.

A par das charolas havia propriamente o cantar dos Reis, que parece também música alentejana, dolente e grave.

Este cântico, a duas e três vozes, era lindo e hoje pode dizer-se que ninguém o canta.

Como pelo Ano Bom os bailes continuavam e as festas repetiam-se.

(CONTINUA)

Caixa de Previdência

Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa
Alameda D. Afonso Henriques, n.º 45 - Lisboa

Caixa de Previdência do Distrito de Faro

Rua do Infante D. Henrique, 34 - Faro

AVISO

Avisam-se todas as empresas com sede no distrito de Faro, que vinham a contribuir para a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa que, por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, passam a estar abrangidas pela Caixa de Previdência do Distrito de Faro, com efeitos a partir de 1 de Abril de 1965.

Assim, as folhas de férias respeitantes ao mês de Abril, bem como as respectivas contribuições, deverão ser entregues e pagas à ordem da referida Caixa de Previdência do Distrito de Faro, de 11 a 20 de Maio p. f.

A Comissão Organizadora da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

A Comissão Organizadora da Caixa de Previdência do Distrito de Faro

Livros e Revistas

Jornal Feminino — Recebemos os n.ºs 173, 174 e 175, respectivamente referentes a Fevereiro e Março, desta popular revista feminina que sob a inteligente direcção da sr.ª D. Elisa de Carvalho, se publica no Porto. Recomendamo-lo a todas as nossas leitoras.

Ciência e Técnica Fiscal — Recebemos o boletim n.º 71 da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, publicação útil não só aos funcionários como a quantos se interessam pelos assuntos de finanças.

Montepio Geral — Recebemos Relatórios e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, referente ao exercício de 1964, desta importante Associação de Socorros Mútuos, condecorada com a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência e que conta no número dos seus fundadores o tavricense Pedro Alvares Botelho.

Pelos referidos documentos se aprecia nitidamente a maravilhosa situação financeira que dispõe, considerando como é, presentemente a primeira organização do seu género no nosso país.

Não é preciso recorrer-se aos números para provar o seu extraordinário movimento sempre crescente.

Tratado de Sociologia — Acaba de sair o fascículo n.º 3 da edição portuguesa do monumental *Tratado de Sociologia*, publicado sob a direcção de Georges Gurwitsch (Editado por Iniciativas Editoriais, Av. Rio de Janeiro, 6, Sub-Cave — Lisboa 5, telef. 724051).

Neste fascículo conclui-se o artigo *História e Sociologia*, de que é autor o grande historiógrafo Fernand Braudel, e publica-se na totalidade, Sociologia, Etnologia e Etnografia, do conhecido sociólogo Georges Balandier, e *Os Problemas da Estatística*, de G. Th. Guilbaud. Este último artigo reveste-se do maior interesse para os técnicos das empresas, do comércio e da indústria, aos quais começa a tornar-se imprescindível o estudo do mercado.

Entre os tradutores destes artigos encontram-se os nomes qualificados de Alberto Ferreira e Rogério Fernandes.

Kundu — Depois de «O Advogado do Diabo», «A Segunda Vitória» «Toda a Verdade» e «As Sandálias do Pescador», romances de Morris West, presentemente o escritor Juais lido em todo o mundo, a Livraria Clássica Editora acaba de publicar, deste autor, o romance *Kundu*.

Um antigo oficial S. S. que acaba de se instalar com sua mulher e ex-amante num vale da Nova Guiné, pretende dominar a região. Para isso queria obter o apoio de Koumo, um jovem papua que em criança recebera do velho missionário francês uma educação cristã, mas que mais tarde se transformara no rei dos feiticeiros do vale.

O livro conta-nos na forma admirável do autor o conflito entre o alemão, um produto do monstruoso crepúsculo da Europa e o jovem indígena, um primitivo a quem a salvação fora oferecida, mas que a rejeitara para voltar ao culto do deus-porco. Entre ambos existe uma fraternidade sombria, que começa pelo orgulho e acabará na condenação eterna.

O vigoroso sentimento das paixões humanas e da vida espiritual através do qual Morris West arrebatava os seus leitores, está bem patente neste extraordinário romance.

GAMINHOS DE FERRO

Serviço especial para

SEVILHA

por ocasião da FEIRA DE ABRIL

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos

A C.P. em combinação com os Caminhos de Ferro Espanhóis vende nas suas principais estações bilhetes de IDA e VOLTA, para Sevilha, a preços reduzidos.

Este serviço especial que compreende duas vias — Badajoz ou Vila Real de Santo António — é assegurado inteiramente por caminho de ferro, quando se utilizar a via Badajoz, ou por caminho de ferro e autocarros, quando for utilizada a via Vila Real S. António.

Período de Venda:

27 de Abril a 2 de Maio.

Validade:

Ida — 22 de Abril a 2 de Maio
Volta — 27 de Abril a 7 de Maio.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Não é deitando muitos adubos à terra que se tiram melhores colheitas

mas adubando racionalmente, conforme a planta necessita em cada terra. Dirija-se aos

Serviços Agronómicos de NITRATOS DE PORTUGAL - Rua dos Navegantes, 53-2.º - LISBOA, únicos produtores de

NITROLUSAL, NITRATO DE CÁLCIO E NITRAPOR

para lhe enviarem algumas embalagens para amostras de terras,

para a análise e assim lhe puderem dar as indicações de que precisa.

Sob esta denominação, apresento despreocupadamente, não só os paramentos, mas também todas as alfaias de culto, como frontais, pavilhões, véus, estandartes, etc.

Da Igreja de Santa Maria:

- 1 — Frontal de altar. Damasco branco brocado. Escudetes e flores. Século XVIII. Comprimento: 2,55 m. Altura: 1 m. Exposição de Tavira, em 1950.
- 2 — Grande véu de cálix. Seda branca lavrada, bordada a ouro e lantejoulas. Aos cantos, espigas e ramos de flores. Ao



Paramento rico de Santa Maria (séc. XVI)

centro, uma glória com o pelicano. Devia servir para a Sagrada Reserva de Quinta-Feira Santa. Dimensões: 0,85 x 0,85 m.

Peça de museu.

Figurou na Exposição de Tavira, em 1950.

- 3 — Pavilhão de sacrário. Seda branca nobreza. Brochado a ouro — ramagens estilizadas. Deve ser do século XIX.

Peça de museu.

- 4 — Casula. Rosácea. Setim com leve brochamento a branco. Século XIX?

Peça de museu.

- 5 — Véu de cálix. Seda branca bordada a fio de ouro. canutilho e lantejoulas. Só ramagens. Deve ser trabalho do século XIX. 0,58 x 0,58 m.

Peça de museu.

- 6 — Casula. De lhama de prata branca, brochada a ouro com sebaste e orlas de lhama de prata com o mesmo trabalho de brochamento. Ramos e águia. A forma muito cavada na parte dianteira e muito ampla e arredondada na trazeira faz-me colocá-la no século XVI.

Tem estola feita de emendas. Altura: 1,15 m. Maior largura: 0,88 m.

Própria para museu.

- 7 — Paramento branco rico. Damasco branco brocado de ouro. Enrolamentos, acantos e uma ou outra flor miúda.

Casula. O sebaste central e as orlas são de veludo carmesim sobre o qual é aplicado o bordado composto com aplicações de brocado de ouro em fundo acastanhado, orlado de azul e ouro, entremeadas com recamos de ouro e prata.

O sebaste central tem alcaçofras saindo de hastes enroladas com folhas e botões, tudo estilizado. As orlas têm simplesmente enrolamentos de acanto.

O conjunto dá uma impressão de sumptuosidade acentuada pelo galanito perfeitamente conservado.

Tem estola e manípulo. Comprimento: 1,30 m. Maior largura: 0,78 m.

Dalmáticas. Com dupla orla, banda superior e inferior e punhos — tudo no bordado atrás referido.

As alcaçofras das bandas têm disposição diferente das da casula, bem assim as dos punhos — o que mostra que foi tudo feito de propósito e não em série.

Comprimento: 1,10 m. Maior largura: 0,96 m. Comprimento das mangas: 0,46 m.

Figuraram na Exposição de Faro, em 1940, sob o n.º 10 da Secção III e na de Tavira, em 1950.

Alberto Souza opinou serem do século XVII. Tenho contra isso a nota extraída de um inventário de 1607 em que se diz que havia: «um ornamento de damasco branco com sebastes de veludo carmesim, roto e velho, a saber: capa de as perças, manto, dalmáticas, frontal, pano de púlpito, 2 frontais de altares colaterais, pano de estante, pano de estante do altar-mór».

Parece-me tratar-se deste paramento, embora já dizimado, e por isso dever atribuir-se ao século XVI, como foi sempre e continua a ser a minha opinião.

CONTINUA

Álvoro Pais

MANUEL ANTONIO FELICIANO

PRODUTOS PARA A AGRICULTURA
VILA NOVA DE CACELA — TELEFS 67 E 72

MOTORES DE REGA:

Williers — Pachancho — Lister

TUBOS EM PLÁSTICO — ACESSÓRIOS
ÓLEOS — MASSAS — DESPERDÍCIOS
ADUBOS — RAÇÕES — CEREAIS

GAZETILHA

Ora Toma!

(Desabafos de um empregado de café)

*Ponham de parte a vaidade,
Têm que se convencer,
Sem a tropa é uma verdade,
Tantos cafés na cidade
Não se podiam manter.*

*Por isso mesmo confesso;
Que será ideia louca
Querer forçar o progresso,
Voltar tudo do avesso
Só com turismo de boca.*

*Nestes recantos paisanos
Vejo as coisas muito toscas,
Faltam os milicianos
E os cafés estão às moscas.*

*Quando chega o lusco-fusco
Logo a paciência se arraza,
Vem um ou outro patusco.
— A freguesia de cuspo —
Pra poupar a luz em casa.*

*Pra não traír os costumes
Até dormem a soneca!
Depois falam dos legumes,
Dos peços, fazem queixumes,
Por causa da grande seca.*

*Não é pois com esta casta
De freguesia escolhida.
Que embora possua pasta,
Mas chora a massa que gosta,
Que um café governa a vida.*

Zé de Rua



CICLISMO

V Prémio ROBBIALAC

Com a vitória de Mário Silva e do F.C. do Porto, terminou no passado domingo, no Porto, a disputa do V Prémio Robbialac, organização da importante empresa Robbialac, em colaboração com a Federação Portuguesa de Ciclismo, que assim aproveitou para escolher os 10 ciclistas que hão-de constituir a representação nacional na próxima Volta a Espanha. Tomaram parte nesta já importante competição, pois teve a duração de 5 dias, com começo no Estádio José Alvalade, em Lisboa, ciclistas do Benfica, Sporting, Porto, Académico, Alpiarça, Ovarense, Sanchos, Louletano e Ginásio de Tavira, num total de mais de 60 concorrentes.

Individualmente Vitor Tenazinha e Perna Coelho, do Louletano, classificaram-se em 5.º e 6.º respectivamente, e Sérgio Páscoa (que foi o grande animador de quase todas as etapas) e Jorge Corvo, ambos do Ginásio de Tavira, obtiveram os 10.º e 16.º lugares. Colectivamente o Louletano alcançou o 4.º posição e o Ginásio de Tavira obteve o 6.º posto da classificação.

Uma referência especial para Sérgio Páscoa, o grande vencedor da etapa Aveiro-Braga, e para João da Palma e Henrique Neto, os dois amadores que esta época foram promovidos à categoria actual, os quais se fixaram nos 28.º e 36.º lugares, respectivamente.

Formada a equipa nacional para a Volta a Espanha

Pelo seleccionador Nacional sr. Aristides Martins, foram indicados os seguintes ciclistas que formarão a equipa que disputará este ano a Volta a Espanha em Bicicleta. São eles:

Efectivos: Jorge Corvo e Sérgio Páscoa (Ginásio de Tavira); Mário Silva, Joaquim Leão e José Pinto, F.C. Porto; João Roque e Leonel Miranda (Sporting); Peixoto Alves e Francisco Valada (Benfica) e Laurentino Mendes (Ovarense).

Suplentes: Vitor Tenazinha e Perna Coelho (Louletano e Agostino de Sousa (Académico).

CICLISMO EM TAVIRA

Na excelente pista do Ginásio realiza-se hoje, pelas 16 horas, um grandioso festival para despedida dos azes Jorge Corvo e Sérgio Páscoa, que vão representar Portugal na Volta a Espanha.

Colabora nesta prova desportiva a valorosa equipa do Louletano Desportos Clube.

Haverá provas de eliminação, critério e em linha, para aspirantes, amadores e independentes.

Entram também em competição as equipas de aspirantes e amadores do Sport Faro e Benfica.

Reaparece na equipa do Ginásio o popular ciclista José Martins (Pontalino) agora de regresso da Alemanha.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

4 HORAS MORTA

D. Mariana da Conceição, de 72 anos de idade, casada com o sr. João Jose dos Santos, residentes com sua filha e genro sr. Joaquim da Costa Lopes, industrial de carpintaria, no Largo do Cano, a qual vem sofrendo desde há meses de persistente doença de estômago, quando pelas 9 horas da manhã do dia 10 corrente a filha lhe foi levar à cama o pequeno almoço, encontrou a mãe morta. Aos gritos de aflição acudiram os familiares e a vizinhança, que com a utilização de um espelho, junto dos lábios da moribunda, chegaram à conclusão que estava morta. Assim, com o corpo ainda quente, os familiares e vizinhos lavaram e vestiram o cadáver, com a respectiva mortalha e como ficasse com a boca aberta, ataram-lhe um lenço do queixo à cabeça.

Enquanto isto se passava, o genro, sr. Lopes, saiu de casa à procura do sr. Garrocho (homem que costuma tratar das apelações dos funerais), comunicou o sucedido a alguns parentes e amigos, fez seguir um telegrama para a filha da falecida, que vive em Lisboa, e foi para a oficina tratar de mandar fazer o caixão para a sogra.

Em casa o velatório seguia o seu ritmo, os vizinhos e amigos iam comparecendo à medida que tinham conhecimento e já na parte da tarde, quando a filha velava o cadáver, viu que a mãe abriu os olhos e começou a perguntar o que tinha acontecido, por ver tanta gente em casa e tudo em desalinho. O alvoroço foi grande e quase não acreditavam no que estavam a ver e para que não suspeitasse que era um velatório, disseram-lhe que tinham mudado os móveis para fazer limpeza à casa. Ela conformou-se com a explicação, levantou-se, e foi em seguida para o quarto de banho.

A morta viva, apesar dos seus achaques continua bem disposta, com tendência para melhorar.

Informações Fiscais

Livros de escrita dos contribuintes do grupo B — Estes livros (compras e vendas) conforme dispõem os artigos 133.º e 134.º do respectivo Código, deverão estar escriturados de forma a não sofrerem atrasos superiores a 90 dias sob pena de multa que vai de 200\$00 a 10 000\$00.

Taxa Militar — Durante os meses de Abril e Maio deve realizar-se o pagamento voluntário da taxa Militar. A partir deste último mês o pagamento será efectuado em dobro.

Durante este mês os mancebos de que conste nas actas das reuniões das juntas de recrutamento que são inaptos para o trabalho e para angariar meios de subsistência e não paguem qualquer contribuição ao Estado, devem apresentar na Repartição de Finanças da área da residência, a declaração n.º 4.

Pela Imprensa

Jornal do Pescador

Completo o seu 27.º aniversário o «Jornal do Pescador» órgão das Casas dos Pescadores, inteligentemente dirigido pelo sr. Joaquim Maria Aguiar.

Ao excelente órgão defensor dos pescadores portugueses endereçamos por tal motivo as nossas cordiais saudações com votos de longa vida.

Beira Baixa

Comemorou o seu 28.º aniversário este nosso prezado colega conceituado semanário, intemerato defensor dos interesses da Beira Baixa, que se publica na progressiva cidade de Castelo Branco.

É seu ilustre director o sr. Manuel de Almeida Garrett, a quem apresentamos, bem como aos seus colaboradores, cordiais felicitações com o desejo de uma vida longa e progressiva para o seu jornal.

TOTOBOLA

34.ª jornada 2/5/965

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | | | |
|----|------------------------|----|---|
| 1 | Porto — Setúbal. | .. | 1 |
| 2 | Belenen. — Guimarães. | x | |
| 3 | Braga — Lusitano | .. | 1 |
| 4 | Académica — Sporting. | x | |
| 5 | Feirense — Lamas | .. | 1 |
| 6 | Oliveiren — Famalicão. | 1 | |
| 7 | Boavista — Espinho. | 1 | |
| 8 | Luso — Sintrense. | .. | 1 |
| 9 | Barcelren. — Olhanen. | 1 | |
| 10 | Leões — C. da Piedade. | 1 | |
| 11 | Atlético — Alhandra | .. | 1 |
| 12 | Feirense — Beja | .. | 1 |
| 13 | Montijo — Oriental. | .. | 1 |

Jorge Cruz

Um Dicionário Imprescindível

Os dicionários estão a cair de moda. É cada vez menos satisfatória a notação, pura e simples, do significado seco, logo vago, de uma palavra. Tende-se cada vez mais para precisar as palavras, referindo as diversas aplicações que elas tenham tido desde o seu nascimento. Neste sentido, operou-se já certa transformação no dicionário tradicional, com a publicação, neste século, de vários dicionários etimológicos.

Mas, a pouco e pouco, também estes se têm mostrado deficientes, mesmo linguisticamente falando. Daí que tenham vindo a conhecer determinadas transformações inicialmente, os seus autores quase se preocupavam apenas com apresentar os etimos: depois começaram a preocupar-se com a fixação das datas da entrada, na língua, de cada palavra, e com a aceção que esta terá tomado em determinadas épocas; e hoje estão já a preocupar-se com aquilo a que alguns linguísticos chamaram «biografia da palavra».

Isto é: começou a considerar-se a palavra quase como um ser humano, que, como este, nasce, desenvolve-se, ramifica-se e decerto virá a morrer e que tem portanto, uma história.

Esta história, porém, se não podia ser descrita tendo apenas em conta a parte fonética das palavras, também o não pode ser tendo apenas em conta a sua parte semântica propriamente dita. Para bem se precisar o seu significado há que historiar tudo aquilo que está por detrás dela: teorias coisas, motivos de substituições ou desvios, etc., etc.

Mas fazer isto equivale a fazer o processo das sociedades, resumir o saber humano, e a apresentar um quadro da evolução do homem e do cosmos ao longo dos tempos; isto é: equivale a fazer uma enciclopédia.

A enciclopédia, terá talvez, de aproximar-se cada vez mais do dicionário etimológico, mas será decerto, o único dicionário no futuro; e, em grande parte, já o é no presente. Sobretudo se se trata de uma obra entregue ao cuidado de especialistas sérios.

É o que acontece com a *Verbo Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*.

O leitor que queira obter o significado actualizado de qualquer palavra começada por a até australopiteco, terá apenas de recorrer a esta obra de que estão completos dois volumes, cada um constando de 12 fascículos, onde a par do texto, beneficiará de sugestivas e abundantes ilustrações. (Cada fascículo: 30\$00 condições especiais de assinatura.)

Cinema Santo António

FARO

Hoje, de tarde e à noite, depois de 10 semanas de exibição, *A Ultrapassagem*, com Catherine Spaak e Vítorio Gasman. 17 anos.

Terça-feira, *O Bruto da Montanha e S.O.S. Mar Báltico*, (ambos de estreia). 17 anos.

Quarta-feira, em espectáculo elegante, a continuação do célebre filme *Agente Secreto 007*, com o título de *007, Com Ordem para Matar*. 17 anos.

Quinta-feira, o belo filme português *Fado Corrido*, com Amália Rodrigues. 17 anos.

Sexta-feira, *Cine-Clube*, só para sócios.

Sábado, só em soirée por ser dia 1.º de Maio, *A Fúria dos Tartaros e Malvalouca*. 12 anos Domingo, 2, de tarde e à noite, *A Carga da Brigada Azul*, em cinematocscope e technicolor, com o notável galã Troy Donahue. 17 anos.

VENDE-SE

Uma propriedade de sequeiro e horta com pomar, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e casas de habitação, no sítio da Maragota — freguesia de Moncarapacho.

Informa Feliciano Soares, no referido local.

Assinal o «Povo Algarvio»